

DEZEMBRO 2020



RAMOS, Nuno. *O Direito à preguiça*. Belo Horizonte: CCBB, 2016.



SÜSSEKIND, Flora. "Tudo Fala" In: RAMOS, Nuno. *O Direito à preguiça*. Belo Horizonte: CCBB, 2016, (pp. 106-130).

Com frequência, porém, essas notas são submetidas a mutações internas, mudam de tom ou de registro e o que era descrição pode ir se convertendo em reflexão, em reflexões mínimas, aliás, por vezes meio que deixadas intencionalmente pela metade. Como acontece no apontamento que trata da operação de passar "o asfalto frio sobre o breu" e do seu resultado visível ["uma espécie de borracha brilhante, mineral"], mas que se transformaria, adiante, numa breve consideração sobre a forma, sobre a recusa, à determinação ("queria que ela aparecesse por si só"), a um nome ou a um ponto de repouso: "Precisava erguer aquilo, dar forma, mas não sabia como determinar essa forma. Não sei por que qualquer escolha parecia tão falsa".

Noutras ocasiões, passa-se ao contrário, do narrativo para o descritivo, ou da notação visual para a reflexão vocabular. (...)

Nesse fragmento também se sugerem, no entanto, significativas alterações territoriais. Dentre elas, uma espécie de fuga repentina à retórica do suspense em direção a um imaginário não mais narrativo, mas plástico: "Porque eu estava morrendo (eu era uma escultura morrendo, um peso, um contorno sendo tragado por outro corpo de menor densidade [...])". (SÜSSEKIND, 2016, p. 112).

(...) O que não significa em absoluto, nessas obras, um apagamento da prosa do mundo, da experiência da realidade. Ou um abandono do esforço de formalização. Justo o oposto. A própria escrita apresentando-se aí, com certa brutalidade, como algo que "se faz gradualmente e penosamente – atravessando inclusive o oposto daquilo que se vai aproximar", sob a forma de "textos em que alguma coisa se descola daquilo que sendo narrado", em que algo parece transbordar, "alguma coisa que não pertence à economia daquilo que está sendo narrado salta para fora". E exponenciando-se, nesse movimento, não apenas concretude convulsada escrita, da escrita como experiência, e não como estilo ou partilha genérica, mas também, a consciência do mundo, da violência do mundo e da matéria, e sua resistência, ganham singular espessura nessas obras, nas quais se exercitam formas "ásperas", inquietantemente de perto, de visualização. Não é de estranhar, então, que Rodrigo Naves assinale certo aspecto escultórico nos exercícios da Escrita de Nuno Ramos. Pois, se, por vezes, o artista, em sua obra plástica "esculpe com o verbo", no campo da literatura, procuraria "instilar nas palavras um peso que as impeça serem apenas abstrações", com o resultado problemático de ter de lidar "com palavras encaroçadas" e com o terreno pantanoso – de uma espécie de hiperconectividade – no qual convivem potenciais elementos de composição.

Trabalho como esses, explicitam, simultaneamente, perceptível descompasso entre, de um lado, organização conceitual e esquemas interpretativos pautados em dualidades que se desejam meta-históricas, como as expostas anteriormente [ou em oposição por vezes simplificada entre retração e expansão territorial], e, de outro, a complexidade histórica da experiência presente. O que sugere a necessidade de outras formas de compreensão crítica de produção contemporânea, e de uma redefinição de marcos institucionais persistentes que se já não dão conta do campo literário, este, no entanto, parece, por vezes negar a própria complexificação e insistir em pautar-se por eles. (SÜSSEKIND, 2016, p. 116-117).

Mesmo depois do restabelecimento político-institucional de um regime democrático no país, no que diz respeito à cultura literária brasileira, tem-se assistido, nas últimas décadas, à expansão de disposição regressiva e a um esforço de recomposição do domínio das Belas Letras, manifesto, dentre outros aspectos, em crescente neutralização da dimensão crítica, numa partilha menos porosa de entre gêneros, em retorno facilitador a modos oitocentistas de composição, fabulação e tipificação, no elogio ao domínio técnico de formas fixas, ao impressionismo personalista e alguns *topoi* de fácil reativação, como o da prática autojustificada da literatura desde que em função documental ou testemunhal. O que, não à toa, resultaria, a certa altura, em novos retornos naturalistas, desta vez tendo como modelos hermenêuticos a antropologia e a geografias urbanas, e como territórios privilegiados as periferias das grandes cidades brasileiras. (SÜSSEKIND, 2016, p. 116-117).